

## A ontologia do simulacro: um ensaio sobre limites, informação e percepção

The ontology of the simulacrum: an essay on limits, information, and perception

Andhre Vergilio Faro Silva<sup>1</sup>

### Resumo

O ensaio "A Ontologia do Simulacro: Um Ensaio sobre Limites, Informação e Percepção" propõe uma reavaliação filosófica do conceito de simulacro (representação/modelo mental), redefinindo-o não como uma ilusão enganosa ou degradação do real (visão platônica/baudrillardiana), mas como uma interface funcional e indispensável para que mentes finitas processem e naveguem na infinitude do cosmos. A Arquitetura em Continuum: A realidade é composta por três camadas dinâmicas: Substrato Latente: A totalidade inacessível do cosmos sem medição (análoga ao calor latente). Realidade Sensível: O fluxo de dados que colide diretamente com o observador (análoga ao calor sensível/atrito). Simulacro: A função de compressão consciente em modelos e símbolos. Inconsistência da Causa Primeira: Questiona-se a teologia clássica demonstrando que defender uma "Causa Primeira incausada" viola o próprio axioma de que "tudo exige uma causa", incorrendo em uma contradição sintática que invalida o modelo sob a lógica formal.

**Palavras-Chave:** Simulacro (e Ontologia da Representação); Teoria da Informação / Compactação de Dados; Atrito Empírico (Realidade Sensível vs. Modelo); Sistemas Complexos (e Emergência); Irreducibilidade Computacional (e Livre-Arbítrio / Agência); Teorema da Incompletude de Gödel; Continuum Cognitivo (Substrato Latente, Realidade Sensível, Simulacro).

### Abstract

The concept of the simulacrum has historically been treated as a falsification of reality. This paper proposes an ontological shift, redefining representation not as a loss, but as a necessary

---

<sup>1</sup> ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-5874-7954>

interface for cognitive processing. Drawing from formal logic, information theory, and complex systems, we argue that finite minds rely on abstraction and compression to avoid information overload. We examine how empirical friction constrains internal models, how computational irreducibility grounds human agency, and how reality functions as a continuum divided into Latent Substratum, Sensible Reality, and Simulacrum. Through this lens, we demonstrate the logical inconsistency of classical First Cause arguments, establishing the simulacrum as an adaptive prediction engine rather than an illusion.

**Keywords:** Simulacrum (and Ontology of Representation); Information Theory / Data Compression; Empirical Friction (Sensible Reality vs. Internal Model); Complex Systems (and Emergence); Computational Irreducibility (and Free Will / Human Agency); Gödel's Incompleteness Theorems; Continuum Framework (Latent Substratum, Sensible Reality, Simulacrum).

## I. A INVENÇÃO DO CÓDIGO DE ACESSO

Poucos conceitos sofreram uma condenação tão severa na filosofia do século XX quanto o simulacro. Da sombra enganosa na caverna de Platão ao diagnóstico de Jean Baudrillard sobre a hiper-realidade da sociedade de consumo, a tradição crítica acostumou-se a tratar a representação como uma degradação: a imagem falsa que esconde a essência, a cópia fraudulenta que aliena o sujeito de um real perdido. Este ensaio nasce de uma necessidade de inflexão. Propõe-se aqui uma virada ontológica que retira a representação do campo da falta e a coloca no campo da necessidade funcional.

Para uma mente finita, o simulacro não é a névoa que oculta a verdade, mas o único código de acesso possível a ela. Diante do abismo contínuo do cosmos, um organismo biológico ou um sistema de processamento que tentasse absorver o universo em sua totalidade nua e não-filtrada seria instantaneamente soterrado por uma quantidade infinita de dados. O conhecimento não surge do registro passivo das coisas, mas de uma operação drástica de compressão. A consciência é forçada a erguer uma arquitetura de modelos, linguagens e abstrações para fatiar o caos em unidades manipuláveis. Onde a filosofia tradicional enxergou no simulacro a perda da realidade, esta ontologia reconhece a interface sem a qual a realidade seria biologicamente e computacionalmente inabitável.

Essa arquitetura começa pela escolha das nossas ferramentas mais rigorosas. As catedrais da lógica e da matemática não foram desenterradas do solo de um reino celestial de formas perfeitas; foram erguidas sobre pactos humanos chamados axiomas. Um modelo conceitual é o desdobramento estrito de regras de jogo que decidimos aceitar. O rigor do pensamento não

provém de um casamento místico entre a mente e a matéria, mas da fidelidade sintática com que respeitamos as regras que nós mesmos estabelecemos.

A lei fundamental desse jogo é o Princípio da Não-Contradição. Se um sistema formal se permite validar uma afirmação e, no mesmo movimento, aceitar a sua negação, a estrutura inteira desmorona. A lógica chama isso de princípio da explosão: quando a contradição é admitida no núcleo de um modelo, qualquer absurdo torna-se demonstrável, e a capacidade de diferenciar informação de ruído é destruída.

Ainda assim, mesmo os sistemas mais rigorosos carregam uma abertura inevitável. Os Teoremas da Incompletude de Gödel demonstraram que nenhum sistema formal suficientemente rico pode ser, ao mesmo tempo, completo e fechado em si mesmo. Existirão sempre proposições verdadeiras que o sistema é capaz de formular, mas incapaz de provar utilizando apenas as suas próprias regras internas. Não existe uma "Teoria de Tudo" definitiva capaz de selar o horizonte do saber. O conhecimento é uma estrutura em expansão perpétua, forçada a adicionar novos axiomas e novas linguagens para tentar capturar o que a versão anterior deixou escapar.

## **II. O ATRITO DO MUNDO E A LOUCURA IMORTAL**

Se o simulacro é uma construção da mente, como evitar que o pensamento desmorone em um solipsismo onde qualquer fantasia se equivale? A resposta reside no fato de que o simulacro não opera no vácuo. Embora a mente projete as formas sintáticas com as quais interpreta os fenômenos, essa construção esbarra continuamente na resistência insubornável da Realidade Sensível.

O simulacro funciona, em essência, como uma máquina de gerar previsões. Ao formularmos uma teoria física, desenharmos uma estrutura de engenharia ou simplesmente darmos um passo à frente, nosso modelo interno antecipa o comportamento do mundo. O atrito empírico ocorre no instante exato em que o erro entre o que o modelo previu e o que o ambiente entrega ultrapassa o limiar de tolerância do sistema. Quando a ponte rui ou a hipótese falha, o mundo físico não abre espaço para negociação: ele impõe um choque. É a cicatriz do erro que força a mente a abandonar seus dogmas e reescrever sua arquitetura.

Existe apenas uma exceção teórica em que uma ficção mental conseguiria subjugar e substituir o real: o cenário limite de uma *Psicose Imortal*. Para que um simulacro completamente divorciado dos fatos triunfasse sem jamais ser corrigido, o agente que o

habita precisaria de duas propriedades impossíveis: a imortalidade absoluta — para nunca sofrer o custo destrutivo de suas falhas de previsão — e uma capacidade infinita de processamento, capaz de sustentar a dor da inconsistência sem degradar sua própria estrutura. Para seres finitos e mortais, o atrito com o mundo sensível atua como o freio implacável que garante que a insistência em modelos falsos seja paga com a destruição.

### **III. A INFORMAÇÃO E O PARADOXO DA ESCOLHA**

Essa relação entre o modelo e o mundo nos conduz a um debate secular: a aparente contradição entre as leis da física e a existência da agência humana. A filosofia frequentemente se encurralou em um falso dilema, dividida entre um determinismo mecânico estrito, onde a liberdade seria apenas uma ilusão ingênua, e um caos probabilístico que reduziria a vontade a um mero ruído aleatório. Ambas as visões falham por ignorar a verdadeira natureza dos sistemas complexos.

A aleatoriedade pura não produz agência; produz apenas comportamento errático. O determinismo mecânico linear, por sua vez, produz apenas repetição. A mente opera na dimensão da complexidade emergente regida pela dinâmica da informação. É nesse domínio que a agência se revela não como uma violação mágica da causalidade, mas como o resultado direto da irreduzibilidade computacional de sistemas auto-referenciais.

Um agente cognitivo não pode pré-calcular seu próprio estado futuro sem executar o processamento passo a passo em tempo real. Se um observador externo tentasse entregar a um indivíduo uma previsão matemática perfeita sobre a decisão que ele tomará daqui a cinco minutos, o simples ato de o indivíduo ler essa previsão alteraria seu estado presente de informação. Ao alterar o estado presente do sistema, a previsão lida torna-se instantaneamente obsoleta. A leitura do futuro invalida a própria previsão do futuro.

O livre-arbítrio é a soberania operacional dessa alça de retroalimentação: a decisão não é a leitura passiva de um roteiro predeterminado, mas a reescrita contínua de um sistema que é forçado a decidir no escuro porque é computacionalmente incapaz de encurtar a sua própria trajetória.

### **IV. A ARQUITETURA EM CONTINUUM**

A realidade não se apresenta como um conjunto de gavetas estanques divididas entre matéria e representação. Ela se organiza como um *continuum* fluido onde a densidade da informação se manifesta em três camadas integradas e dinâmicas:

- **Substrato Latente:** Na profundidade do sistema reside a totalidade inacessível do cosmos, contendo os estados e dinâmicas que permanecem sem medição e sem acoplamento com o observador. Essa camada comporta-se como o equivalente ao calor latente da termodinâmica — uma dimensão em que a energia do sistema se reorganiza sem alterar a leitura direta de temperatura dos nossos instrumentos.
- **Realidade Sensível:** Na zona de contato surge a fração do substrato que efetivamente colide com nosso aparelho de recepção, gerando um fluxo de dados e uma variação de estado perceptível. Ela opera como o calor sensível: o impacto direto que altera a temperatura interna do leitor, traduzindo-se em atrito, resistência e experiência bruta.
- **Simulacro:** Na cidadela da consciência opera a função de compressão que pega os dados brutos da realidade sensível e os sintetiza em modelos, linguagens e símbolos operacionais.

As fronteiras entre essas camadas nunca foram rígidas. Conforme nossa tecnologia e nossa estrutura conceitual se expandem, frações do substrato latente passam a gerar sinais sensíveis, forçando a mente a ampliar a gramática do seu simulacro para acomodar o novo mundo revelado.

## V. A INCONSISTÊNCIA DAS CAUSAS PRIMORDIAIS

A compreensão desse *continuum* expõe a fragilidade formal das tentativas teológicas antigas de encerrar a explicação da existência através de uma "Causa Primeira" ou de um "Sustentador Imóvel". Esse modelo clássico desmorona por uma dupla inconsistência.

Primeiramente, ao tentarem explicar a origem do tempo por uma cadeia linear de impulsos — onde uma causa simples *A* empurra um efeito *B* —, os metafísicos do passado projetaram no universo a mecânica simplória da oficina da sua época. A física dos sistemas complexos já demonstrou que a realidade sensível não avança em fila indiana; ela opera em redes de campos, emergências e alças de retroalimentação onde os efeitos influenciam e reescrevem continuamente as suas próprias causas.

Para fugir da crítica temporal, a metafísica buscou abrigo no argumento da sustentação presente: a ideia de que o universo exige uma causa primeira para não recair em uma regressão infinita. Para construir essa tese, estabeleceu-se um axioma tido como universal: *"tudo o que existe é contingente e exige uma causa para sustentá-lo"*. Contudo, para fechar a

conta do sistema sem cair no infinito, introduziu-se a exceção: "*exceto a Causa Primeira, que é incausada*".

A falha aqui é de lógica formal. Para evitar o abismo do infinito, a teologia criou uma exceção *ad hoc* que viola frontalmente a sua própria regra universal. Ao afirmar simultaneamente que *tudo exige uma causa* e que *existe um elemento sem causa*, o sistema introduz uma contradição sintática no seu próprio núcleo. Como vimos, um modelo que aceita uma contradição interna aciona a explosão lógica e perde qualquer validade formal. A Causa Primeira não representa a explicação do cosmos, mas a evidência de uma representação que preferiu venerar um paradoxo a admitir os limites do seu próprio mapa.

## VI. A PERFEIÇÃO DO MAPA IMPERFEITO

O simulacro não é uma ilusão que nos aprisiona, nem a realidade é um enigma fechado ao qual nunca teremos acesso. Eles são as duas faces da mesma dinâmica de processamento. Navegamos a existência mantendo o rigor dos modelos que criamos, ao mesmo tempo em que preservamos a humildade de aceitar o impacto da realidade sensível quando nossas teorias falham.

Na fronteira entre os axiomas que formulamos e a informação que o universo nos entrega, a consciência humana se constrói como um sistema auto-referencial e soberano: um nó finito de processamento que navega a infinitude do real reescrevendo continuamente a sua própria história.

## REFERÊNCIAS

1. **BAUDRILLARD, Jean.** *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.
2. **GÖDEL, Kurt.** *On formally undecidable propositions of Principia Mathematica and related systems*. New York: Basic Books, 1962.
3. **PLATÃO.** *A República*. Introdução, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. 14. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.
4. **SHANNON, Claude E.; WEAVER, Warren.** *The Mathematical Theory of Communication*. Urbana: University of Illinois Press, 1949.
5. **WOLFRAM, Stephen.** *A New Kind of Science*. Champaign: Wolfram Media, 2002.